

Introdução

Em abril de 2019 assinalou-se o centenário do nascimento do escritor Fernando Namora (1919-1989), um dos vultos incontornáveis da literatura portuguesa do século XX. Este acontecimento foi o ponto de partida, pela via da homenagem ao autor, para a organização de um Colóquio dedicado à interface entre a Literatura e a Medicina e às suas raízes profundamente humanistas.

A produção literária de Namora, traduzida para diversas línguas, premiada inúmeras vezes e adaptada ao cinema, foi das que mais genialmente deu voz à mutabilidade sociocultural do meio século em que foi escrita (dos anos 30 aos 80). Na sua extensa e multímoda obra (que vai do romance à poesia, passando pelo conto, pela novela, pela crónica e pela biografia romanceada), na voz do escritor-médico, ou na do seu tempo, que ele magistralmente interseccionou com a sua - e nunca obnubilada de exigências estéticas - escutou-se sempre um mundo marcado por condicionais socioexistenciais e económico-políticos. Estamos perante um escritor da nossa história literária que de forma continuada criou, ao longo de uma vida, a atividade médica, fonte de matéria literária, mas sempre transfigurada pela imaginação e pelo trabalho na/com a linguagem. Fernando Namora deu voz aos seres humanos que vivem irmanados com o sofrimento, a dor e a morte, como os pacientes e os médicos. Foi, de facto, um escritor que acareou as relações do médico e do doente com a doença, bem como a relação entre ambos, no encontro clínico.

No século XXI, outros médicos-escritores portugueses têm contribuído, em obras de caráter muito diversificado, para uma aproximação entre a chamada “cultura científica” e as Humanidades. O encontro permanente com o “Outro”, que a prática médica implica, é propício à inquietação e a múltiplas interrogações sobre a condição humana. Entre a osmose e a ausência de “vestígios”, as relações entre literatura e medicina manifestam-se de formas muito variadas e em graus diferenciados, e têm catalisado áreas de estudo inovadoras, de que é exemplo a “medicina narrativa”, surgida em finais dos anos 1980.

Prestando ao escritor-médico Fernando Namora a merecida homenagem, o *Colóquio Literatura e Medicina: Homenagem a Fernando Namora no centenário do seu nascimento*, que incluiu um debate subordinado ao título “*Inspiração e Transfusões*”, contou com intervenções de escritores- médicos e de ensaístas que nos proporcionaram reflexões fecundas sobre esta temática.

No volume que agora se publica, reúnem-se as comunicações dos participantes no evento, a que acresce uma outra, que incide sobre a questão da pintura em Fernando Namora, da autoria de Cláudia Ferreira, que não pôde estar presente no Colóquio.

*

Alguns textos enquadram-se, genericamente, nos estudos da obra namoriana, outros, respondendo ao repto lançado, refletem sobre aspetos globais das relações entre a literatura e a medicina, constituindo importantes testemunhos diretos sobre a experiência pessoal do exercício da medicina e da escrita literária.

Em “Uma voz profética ou ‘O segredo de olhar o sol de frente’: A Juventude na obra de Fernando Namora” (que constituiu a conferência de abertura do Colóquio), António Pedro Pita parte da premissa de que a juventude se configura na obra namoriana como “tema” e como “experiência”, numa relação estreita, que aqui se analisa a partir de uma apresentação da jovem geração coimbrã (em que Namora se integra) na transição dos anos trinta para os anos quarenta. Percorrendo diversos livros do escritor com a sensibilidade e a finura crítica habituais, o ensaísta considera que a juventude é “[a] uma experiência omnipresente (...) porque não é uma fase ou um período mas é coextensiva à existência toda dos homens”. Nas palavras de síntese do ensaísta: “juventude é o nome para a capacidade de profecia dos pontos de fratura cultural entre a tradição e a novidade”.

No ensaio, “Fernando Namora e a Pintura”, Cláudia Ferreira, que tem vindo a estudar a obra de Namora numa perspetiva interartística, abre-nos as portas para a pintura de Fernando Namora, ofício que o escritor nunca abandonou, colocando em diálogo as obras *Estudo* (1944/45) e *Auto-retrato* (1947), numa reflexão sobre o sentido escultórico da pintura namoriana e as diferenças entre as artes da pintura e da escultura.

Fernando Batista, investigador da obra de Fernando Namora, discorre sobre a biobibliografia do escritor, mostrando como, na obra literária, este *expressa* a vida, a sua e a dos outros, sempre a partir do confronto com o mundo. Aborda também a atividade clínica como fonte de matéria literária, aludindo às recriações ficcionais das vivências na doença, quer dos doentes quer do médico, o qual tende, catarticamente, para a confissão e a autoscopia, numa espécie de «cura pela fala». Perspetiva ainda os diálogos constantes do intelectual com a sua época, os quais se materializariam em forma literária, sendo catalisadores da evolução da ficção portuguesa coetânea.

De João Luís Barreto Guimarães incluem-se os poemas do autor lidos na sessão - “poemas do hospital”, como o poeta os referiu, e que criam nos leitores um profundo efeito de inquietação, na sua perfeita conjugação da temática do sofrimento com a palavra poética. (Para ouvir a leitura do poema “Balada dos Maus Pensamentos”, feita pelo poeta na sessão do Colóquio, aceder a <https://ilcml.com/coloquio-homenagem-a-fernando-namora-video/>).

José Manuel Mendes, partindo do livro *Deuses e demónios da medicina*, de

Fernando Namora, apresenta-nos um excelente diálogo crítico entre a parte e o todo, o autor e a obra, o médico e o escritor, não dissociando a escrita namoriana da mão que a escreveu e procurando interseccionar, de forma ampla, os campos da medicina e da literatura. Discorrendo, em analogias e dissonâncias, por livros como *Retalhos da vida de um médico*, *O homem disfarçado* e *Domingo à tarde*, permitindo simultaneamente uma visão unitária da obra conjunta e potenciando a compreensão da sua significativa evolução, José Manuel Mendes dá-nos sobretudo uma perspetiva das “biografias romanceadas” de vinte e um médicos, tanto no que respeita à exposição e anatomia de vidas geniais, como no que concerne ao modo efabulatório de as narrar, o qual, pautado sempre por belíssimo recorte estético, evidencia a essência artística do escritor, médico e intelectual.

Júlio Machado Vaz, em “Dois Médicos na Marginal de Gaia” deixa-nos um testemunho poético e político de um médico-*flâneur*, atento à realidade circundante, às inúmeras mutações da cidade portuense e aos desafios vindouros para os seus habitantes. A revisitação do livro *Estamos no Vento* - e de diálogos entabulados com Namora, registados na marginália - é o ponto de partida para novas conversas e para deambulações físicas e interiores, onde a questão da juventude emerge como tema fulcral.

Leonor Areal, em “*O Cinema de Fernando Namora*”, desvenda um território mal conhecido da obra namoriana, não obstante as múltiplas adaptações televisivas e cinematográficas da sua obra literária. A autora apresenta-nos nove projetos de cinema “escritos e planificados” por Fernando Namora, que ficaram por concretizar, desvelando um real interesse do autor pela sétima arte, que o levaria a ser também argumentista e a envolver-se pessoalmente na realização dos filmes planeados.

Por último, Miguel Miranda, numa reflexão sobre o ofício da escrita e da medicina refuta a ideia comum de que há muito médicos-escritores e deixa-nos, no ensaio intitulado “Inspiração e Transfusão”, uma declaração incondicional de amor pela prática clínica, que, em tempos de pandemia, se torna mais luminosa: “A profissão médica é a mais bonita do mundo. Digo isto fazendo uma declaração de interesses: sendo médico e amando a minha profissão, é natural que esta minha afirmação seja hiperbólica e deva sofrer algum desconto. Mas que é a mais bonita, é”. Para, logo de seguida, declarar: “Por outro lado, ser escritor é professar a arte mais bonita do universo - aquela que se superioriza a todas as outras”.

Com estas palavras, ficam em aberto caminhos de investigação a merecer reflexão crítica noutro lugar, num tempo em que a profissão médica e a criação artística se confrontam com novos e inesperados desafios.

A todos os autores deixamos uma palavra de gratidão pela simpatia com que cederam os seus textos para a presente publicação.

Fernando Batista
Maria de Lurdes Sampaio